

Os livros digitais vão suceder os livros físicos?: uma passagem pelo colecionismo e livros impressos como artigos de luxo

*Will the Digital Books Succeed the Physical Books?:
a Passage Between Collecting and Printed Books as Luxury Articles*

Renata Antunes de Mello e Alvim | renata.rama97@gmail.com

Graduanda em Biblioteconomia pela UFF

Resumo Este artigo discorre sobre os livros digitais e seu novo espaço adquirido no gosto dos leitores, porém, é proposto uma desmistificação de uma aparente sobreposição aos livros impressos, observando a presença das mídias digitais no dia a dia, principalmente após o quadro pandêmico e a quarentena, e sua influência no mercado editorial. Os *e-books* conquistaram seu espaço na vida dos leitores, onde a sua acessibilidade, preço e portabilidade devem ser consideradas para a popularização da literatura, a qual propiciam, como resultado, a compra de exemplares físicos. Para tanto, é discutido

a perspectiva do colecionismo e do livro entre ser um objeto de uso ou de posse, este último sendo uma característica concedida pelos colecionadores conforme os respectivos valores atribuídos ao mesmo, sendo classificado pela sua singularidade. Com isso, edições específicas de livros serão tratadas como objeto de luxo para fins de coleção, sendo os componentes desses exemplares responsáveis pela experiência de leitura.

Palavras chave livros digitais; livros impressos; colecionismo

Abstract This article discourse about digital books and its new acquired space in the reader's taste, although it's proposed a demystification of an apparent overlap above printed books, noticing the presence of digital medias in the day-to-day life, mainly after the pandemic and quarantine, and its influence in the editorial market. The *e-books* conquered its space in the life of the reader, where your accessibility, price and portability must be considered for the popularization of literature, in which provides, as a result, the purchase of the physical copy.

Therefore, is discussed the perspective of collecting and the book between an object of use or possession, the latter being a characteristic of the collectors according their respective values assigned to it, being classified by its singularity. Thereby, specific editions of books will be treated as luxury objects for collection purposes, the components of these copies responsible for the reading experience.

Keywords digital books; printed books; collecting

1. Introdução

Uma das convicções mais comuns entre os leitores hiper conectados é de que o livro digital veio para assumir o lugar dos livros de papel (LOGAN, 2012). Com os novos adventos tecnológicos, vários leitores passaram a optar por esse meio de leitura, mas isso não quer dizer que os livros impressos vão sair de circulação, somente que novas mídias foram introduzidas a esse formato. Certamente, desde que o livro de Robert Logan foi publicado em 2012 houve um crescimento no mercado editorial, tanto digital quanto impresso. No entanto, com a pandemia no ano de 2020, a indústria precisou se adaptar para abranger as medidas tomadas.

Neste cenário, o número de livros digitais vendidos subiu em comparação com o ano de 2019, sendo as livrarias exclusivamente online responsáveis pelo crescimento de 84% no faturamento das editoras, movimentando R\$ 923,4 milhões neste ano, enquanto isso, as livrarias físicas reduziram 32% na sua participação (SNEL, 2021a). Isso demonstra uma crescente adaptabilidade do mercado por parte das editoras e livrarias, que precisaram atender a demanda de uma sociedade que busca ativamente o entretenimento, e ainda uma revitalização do público leitor através das novas dinâmicas de tempo causadas pela pandemia.

O único setor que teve aumento, em valores nominais¹, no faturamento foi o de Obras Gerais, fechando 2020 com R\$ 1,3 bilhão, 3,8% a mais do que no ano anterior (SNEL, 2021a). Porém, apesar da grandeza do valor, ações promocionais levaram a uma queda no preço médio dos *e-books* em 25% (SNEL, 2021b), sendo assim, é aparente uma indecisão por parte dos leitores quanto à literatura e a indisposição referente ao preço original ofertado.

Ainda em comparação com 2019, em 2020 ocorreu um crescimento no faturamento das editoras com conteúdo digital de 36% em valores reais² considerando o Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), com uma receita de R\$ 147 milhões em comparação aos R\$ 103 milhões, passando a representar 6% das vendas, 2% a mais que no ano anterior (SNEL, 2021b).

Devido a inevitabilidade da quarentena e o fechamento de livrarias, o aumento desses números não é surpreendente. Com o cumprimento das regras estabelecidas pelos governos estaduais e municipais, a leitura é revitalizada como uma forma de entretenimento oportuna. O brasileiro não deixou de ler, só buscou formas mais

1 Valor nominal é o preço vigente no momento do cálculo, emitido e escrito em um título ou aplicação, por exemplo.

2 Valor real: é o valor que considera o efeito da inflação sobre o ativo e o título, definindo assim, um novo custo.

fáceis e confortáveis mediadas pelas Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), sem o transtorno do deslocamento ou a espera pela chegada dos livros.

Embora o Brasil tenha perdido 4,6 milhões de leitores entre 2015-2019 (NETO, 2020), os dados acima demonstram um aumento na indústria editorial. Contudo, estão fortemente focados na área digital e no crescimento demonstrado no último ano, principalmente quanto a sua disponibilidade e facilidade de acesso. Mas os livros digitais não foram o primeiro formato a ser adaptado com o pensamento no conforto do leitor, sendo primeiramente criado os livros de bolso.

2. Os livros de bolso

Foi em Veneza que o professor Aldus Manutius criou para seus alunos o livro de bolso, desfazendo-se dos livros grandes difíceis de carregar que ocupavam muito espaço nas estantes. Mais tarde, ele atendeu à demanda dos leitores e produziu uma coleção de bolso, primeiramente disponibilizando como objeto de estudo e democratizando a leitura (OLIVEIRA, 2005).

Sua grande contribuição foi popularizar o livro em todo o continente europeu. Seus livros saíam de Veneza e chegavam a quase todos os recantos europeus. Ele foi um dos grandes “dessacralizadores” do livro: graças a ele, o livro deixou de ser um objeto aristocrático e passou a ser uma importante ferramenta de estudo. (OLIVEIRA, 2005, p. 3)

Na França, em meados do século XVII, os “livros de bolso” se tornaram populares como uma versão pirateada e refeita de outros exemplares de editoras maiores, onde as margens e o tamanho foram diminuídos para baratear o custo das publicações, voltadas principalmente para pessoas do interior em situações menos abastadas (OLIVEIRA, 2005).

Na Inglaterra, o formato foi muito popular na era vitoriana, onde o livro se tornou menos proibitivo. Muitos deles passaram a ser vendidos em bancas de jornal nas estações ferroviárias, comprados para sobrepôr as longas viagens de trem (OLIVEIRA, 2005). Algumas edições de romances atuais ambientados nessa época foram relançadas ao modo vitoriano, como a edição comemorativa de 20 anos do livro *O Duque e Eu* de Julia Quinn. Com isso, é visível que os livros foram lentamente se adequando às necessidades dos editores e leitores, focando acima de tudo, na acessibilidade, principalmente quando precisavam ultrapassar barreiras culturais em que o livro era sinal de poder e conhecimento destinado a poucos (OLIVEIRA, 2005).

Até os dias atuais, os livros de bolso mantêm características de tamanho e formatação reduzidas. Editoras como a *BestBolso*, a *L&PM* e a *Saraiva Bolso* ainda são voltadas especificamente para este formato, onde relançam coleções, grandes

clássicos, ou outros livros que saíram temporariamente do gosto popular. Mesmo que em alguns lugares tenha-se utilizado de capa dura para estes exemplares, a brochura até agora é majoritariamente utilizada para a sua publicação.

A sua usabilidade em geral, e como dito anteriormente que algumas edições só são encontradas nessas condições, ainda é um dos motivos da sua permanência no mercado, principalmente entre aqueles que preferem ler em papel, mas gostam da sua praticidade. No entanto, com a internet e os aparelhos eletrônicos cada vez mais portáteis e mais acessíveis, novos formatos foram naturalmente surgindo.

3. Avanços tecnológicos na área de edição de livros: o espaço conquistado pelos livros digitais

A passagem dos livros, de edições enormes e custosas, para livros cada vez menores e devidamente barateados é bem documentada, assim como é a passagem desses mesmos livros para a tendência de um novo formato: o digital.

A afirmação de Robert Logan (2012, p. 218), “Essa evolução levou à convicção, por parte de entusiastas do *e-book*, de que o livro códice impresso enfrenta obsolescência iminente”, poderia ser embasada pelos números acima retratados, sobretudo considerando as diversas mídias disponíveis e que oferece acesso aos livros. A ferramenta *Kindle*, por exemplo, apresenta algumas funções além do fato de carregar milhares de livros. Pode-se aumentar ou diminuir as letras, mudar a luminosidade da tela, alterar a cor da página de fundo e automaticamente demarcar a última página visitada. Sua customização sobrepõe os livros de bolso, onde as páginas costumam ser brancas (ao invés de creme, característica das edições normais) e de baixa qualidade e as letras miúdas, se o texto não tiver trechos faltantes para economizar espaço.

Os não leitores (aqueles que declaram não ter lido nos últimos três meses, mesmo que tenham lido nos últimos 12 meses), como determina a pesquisa feita pelo Instituto Pró-Livro em 2020, *Retratos da leitura no Brasil*, podem ser descritos como pessoas que não dispõem de muitos momentos para ler, e para eles o impresso é pouco atrativo, pois ocupam espaço e implicam o presságio da necessidade do mesmo para que ele o tenha em mãos quando em situação oportuna. Dentre outros, há também os leitores que não costumam ler mais de uma vez o mesmo livro., tornando-o inutilizado após o término. Com uma infinidade de livros dispostos no mesmo lugar, a liberdade de escolha é do leitor, para que considere um que seja apropriado à sua situação, levando em conta o ambiente e o tempo que possui. Além disso, os ambientes digitais apresentam recomendações baseadas no que já foi lido, diminuindo o tempo de procura de material.

Outra circunstância são gêneros de livros que possuem uma “data de validade”, como os infanto-juvenis. Seus leitores algum dia vão amadurecer para além das suas histórias, e posteriormente suas estantes ficam cheias de livros que não mais lhe agradam, sendo obrigados a se desfazerem ou acumularem. Deve-se considerar que o gosto individual na faixa etária em que esse tipo de literatura abrange ainda é fortemente influenciado pelo seu meio, onde as trocas sociais ocorrem com mais peso para a formação da sua pessoa, portanto, mesmo que os livros sejam relembrados saudosamente, eles raramente serão lidos de novo, mantendo aquela visão de mundo e a sua nostalgia característica no momento que foi lido pela primeira vez. Além disso, o orçamento deste público é extremamente limitado. Os *e-books* não causam problemas quanto ao armazenamento, e por não possuírem valores de impressão, são mais acessíveis.

Mesmo assim, o tipo de leitura pode mudar. Logan (2012) aponta que o tempo gasto com a leitura de livros pode diminuir, mas a leitura em geral de e-mails, blogs, mensagens, textos de jogos, etc., aumenta com o acesso facilitado e rápido. Consequentemente, pode influenciar no tamanho dos livros, deixando-os mais curtos para acompanhar o gosto dos novos leitores (LOGAN, 2012). Livros com a escrita e diagramação em formato de carta ou e-mail, *fanfictions* (“ficção de fãs”, em tradução livre) que são posteriormente publicadas por editoras, clássicos da literatura reescritos em quadrinhos, tanto nacional quanto internacional, são exemplos em que a adaptação dos modelos são para conquistar novos leitores e acompanhar as novas tendências.

O meio digital também facilita na escrita e produção, dando oportunidade para escritores independentes publicarem suas narrativas em plataformas disponibilizadas para eles, sem intermédio de editoras. A *Amazon* possui o *Kindle Direct Publishing*, onde o escritor pode publicar o seu livro digital sem custo (naturalmente, uma porcentagem vai diretamente para a plataforma).

Novos livros estão sendo constantemente lançados, afetando também os acervos das bibliotecas, que não conseguem acompanhar a quantidade de periódicos senão por meio eletrônico (LOGAN, 2012). Com essa rapidez dos meios de produção e distribuição, as mídias digitais possibilitam um acervo mais extenso e de fácil acesso para seus usuários, sem os transtornos de exemplares limitados e esperas de devolução.

Só que os livros digitais ainda apresentam limitações. Enquanto o livro físico é indiscutivelmente do leitor, os *e-books* ficam à mercê da plataforma que os distribui, como por exemplo novamente o *Kindle*, que da mesma forma que os sites de streaming têm um tempo de licenciamento para divulgar determinada mídia visual, após o término desse período, não será possível acessá-lo novamente.

Os livros digitais e os livros de bolso apontam para a necessidade de praticidade que alguns leitores consideram essencial. No entanto, mesmo este novo formato não é

de todo ameaçador para o formato impresso, pois ainda há muitos leitores apaixonados pela experiência da leitura no papel e pelos livros que lotam as suas estantes.

Não vejo conflito entre o livro físico e a sua encadernação digital. Tinta sobre papel é, sem dúvida, o melhor meio de se ler um livro, especialmente caso se planeje lê-lo de cabo a rabo. (LOGAN, 2012, p. 222)

Uma opinião compartilhada por vários brasileiros como demonstra a pesquisa pelo Instituto Pró-Livro (2020) realizada a cada 4 anos, tendo os livros digitais entrado como uma nova categoria no ano de 2019, onde 92% das pessoas responderam que o formato do último livro que leram ou que estão lendo é em papel, sendo os outros 8% digital. O livro impresso não foi abandonado em prol dos *e-books*, pois além da experiência ser diferenciada entre os dois casos, ainda há o fator de possuir, de colecionar, onde o livro faz mais do que contar as suas páginas, fazendo presença nas estantes.

4. O livro como objeto de “uso” ou “posse”: os acumuladores, *hoarders*³ e colecionadores

O livro é um objeto que visa suprir uma necessidade informacional. No entanto, para esclarecer a sua posição em relação àqueles que o consomem e aqueles que o colecionam, será primeiro discutido as classificações de objetos em geral.

Jean Baudrillard (1993) divide o objeto em duas formas: para ser utilizado; e para ser possuído. O objeto “útil” tem objetivo e fundamentação, é uma máquina, enquanto o objeto “posse” é qualificado pelo indivíduo de acordo com o os outros de mesma categoria, sem a função original. O objeto quando em coleção não equivale somente a sua existência, embora sua singularidade seja importante, mas também no encaixe do todo, visando a todo momento a ideia de pertencimento.

Já Eduardo Murguia (2009) difere as formas de se relacionar com o objeto:

Num primeiro nível de forma direta, fazendo prevalecer o valor utilitário desses objetos. Num segundo nível, quando alguns objetos são feitos para agirem produzindo ou modificando outros objetos - como é o caso dos instrumentos e das ferramentas. Um terceiro nível é possível quando vínculos com objetos são estabelecidos por caminhos indiretos, por mediações simbólicas, seja pela linguagem ou por imagens. E, por último, num quarto nível, o caso da acumulação, ou seja, o ato de colecionar objetos com a finalidade de sua simples posse ou exibição. (MURGUIA, 2009, p. 89)

3 *Hoarders*: não há tradução compatível em português, portanto foi determinado que o termo continue em inglês para distinguir as categorias.

O objeto “posse” e o quarto nível de interação estão igualmente se referindo ao ato de colecionismo que parte da busca obsessiva para completar a coleção, onde aquele que adquire um produto geralmente o faz por satisfação. O objetivo se torna o ato de possuir e exibir, não necessariamente de manusear, o que inutiliza o livro em sua função original, mas é colocado em um ambiente sagrado de existência, finalmente fazendo parte da coleção (BELK, et al., 1988).

“Compreendemos melhor assim a estrutura do sistema possessivo: a coleção é feita de uma sucessão de termos, mas o seu termo final é a pessoa do colecionador” (BAUDRILLARD, 1993, p. 99). O sistema então, é irrevogavelmente voltado ao colecionador, pois seus objetos avulsos não teriam seu significado quando em uma situação em que os são atribuídos por sua especificidade.

Quando falamos de indivíduos voltados para coleções de livros, pensa-se logo em bibliófilos, onde o interesse não é necessariamente por uma edição, ou por um livro em particular, mas um exemplar específico. No entanto, isso é somente uma categoria das três divididas por Belk (et al., 1988): os acumuladores (não distinguem o objeto que acumulam, portanto não é útil para este trabalho); os *hoarders* (acumuladores de objetos específicos, mas que não perdem a sua utilidade); e os colecionadores (os objetos perdem a sua função, tornando-se sagrados quando no ambiente determinado do colecionador), onde se encontram os bibliófilos. Contudo, não será no âmbito da visão sagrada que o artigo irá se aprofundar, pois o interesse se volta para aqueles que possuem os livros para que possam ser lidos.

5. A importância dos objetos: livro como luxo

Para os colecionadores, o valor é agregado ao objeto de acordo com o nível de fanatismo, independentemente de seu valor cultural ou monetário. Porém, este valor é atribuído pelo indivíduo, visto que o objeto não tem valor próprio. A atribuição se aplica então pela sua singularidade, por isso o colecionismo, onde a qualidade está acima da quantidade (BAUDRILLARD, 1993). Apresenta-se então, as particularidades dos objetos de luxo.

[...] a posse do objeto “raro”, “único”, é evidentemente o fim ideal da apropriação; mas de um lado a prova de que tal objeto é único jamais será dada em um mundo real, de outro, a subjetividade sai-se muito bem sem isso. A qualidade específica do objeto, seu valor de troca, depende do domínio cultural e social. Sua singularidade absoluta ao contrário lhe vem do fato de ser possuído por mim – o que me permite nele reconhecer-me como ser absolutamente singular. (BAUDRILLARD, 1993, p. 98)

Com isso, Baudrillard salienta que o “luxo” de determinado objeto é atribuído pelo contexto social e cultural de onde ele se encaixa e a importância que o dono lhe concede, descartando as suas atribuições e valores concebidos no mundo real, submetendo-o à subjetividade de sua particular singularidade e ao seu valor sentimental, ao seu afeto adquirido pela experiência. Mas então surge a pergunta: se indeterminado livro pode ser considerado objeto para coleção, por que favorecer as edições especiais?

Quanto aos livros de bolso anteriormente citados, eles são focados em grande parte para a praticidade (os livros digitais não serão incluídos aqui), sacrificando tanto o seu tempo de vida e estética em prol do peso e do tamanho. As páginas são desprovidas de adornos, as capas são geralmente simples e de brochura (a maioria sequer possui orelhas para evitar que as capas dobrem) e as páginas costumam ser de papel mais fino.

No entanto as edições trabalhadas para além do texto merecem destaque, sendo necessário enxergá-las como uma experiência de leitura. Nelas podem ser atribuídas: capas e contracapas em alto relevo e trechos de textura diferentes (áspero, liso, linhas, formas geométricas, etc.), o título envernizado ou em letras metálicas para dar destaque e arrebatá-la arte da capa; a folha de guarda com imagens descritivas ou mesmo somente estéticas para a história; páginas com pequenos desenhos estilizados adornando as suas bordas, seus inícios de capítulo e os intervalos do texto; ilustrações (coloridas ou preto em branco); e cortes coloridos. Nesses casos, toda a estrutura do livro é importante, onde os elementos visuais são fundamentais, contribuindo para a compreensão e ambientação na sua leitura. Essas experiências não podem ser desfrutadas em outro meio além do impresso, pois o digital não lhe faria jus.

Uma editora voltada especificamente para essas publicações diferenciadas é a *DarkSide Books* em que todos os componentes do livro são pensados para compor sua narrativa, e brindes personalizados diversos, particularmente pois seu catálogo é lotado de gêneros de horror e terror clássico. Várias outras editoras costumam fazer edições especiais comemorativas, mas que em grande parte publicam edições mais simples. Uma característica de livros de fantasia, é a inclusão de mapas do mundo, possibilitando a visão e entendimento do leitor, imergindo-o na história.

Figura 1 *Alice no País das Maravilhas*, edição da *DarkSide Books*



Fonte: Elaborado pela autora, a partir do site da editora.

Figura 2 *The Kiss of Deception*, edição da *DarkSide Books*, mapa e pôster de brinde



Fonte: Elaborado pela autora, a partir do site da editora.

Mesmo que eles acabem sendo mais caros devido aos seus acréscimos, seu propósito está novamente voltado para o de colecionador, seu valor atribuído pelo indivíduo e pela experiência. A disponibilidade de livros digitais possibilita situações em que o leitor, se só busca pela história, pode confortavelmente adquiri-la por um meio mais barato e rápido, mas se ele busca uma peça para compor a coleção da sua estante, ele pode certamente virar os olhos para aqueles exemplares diferenciados.

6. Mangás e tankobons – um exemplo

Disponíveis para várias faixas etárias e gêneros de leitura, os mangás são amplamente comercializados e consumidos no Japão. Sua venda começa em revistas periódicas semanais, bissetimanais, mensais, bimensais ou semestrais, com capítulos de mangás de várias histórias, majoritariamente aquelas voltadas para o público infanto-juvenil. Nessas revistas (que podem chegar a conter 20 capítulos de títulos diferentes), as páginas são feitas com papel mais barato, o preço de capa mal cobrindo o custo de sua produção, pois o objetivo principal é que as histórias sejam divulgadas e fáceis de adquirir (PEIXOTO, [s. d.]).

Posteriormente, os capítulos das histórias serão agregados em tomos, ou no termo deles, *tankobons*, assim aqueles que assiduamente acompanhavam um título terão a oportunidade de possuir a história em volumes (em média são 8 capítulos por edição). Esse método possibilita a escolha e conhecimento do leitor sem tirar-lhe uma posterior oportunidade de compra de um exemplar mais durável (PEIXOTO, [s. d.]). Novamente, a disponibilização primeiramente em termos menos custosos, principalmente neste caso considerando o público alvo, onde o leitor tem acesso a mais de uma história, possibilita a aquisição somente daquela considerada digna de coleção.

7. Considerações finais

A transição dos formatos de livros, desde os rolos até o códice foi vagarosa, tendo avançado rapidamente com a virada do século XXI. Essa transição para novas mídias é inevitável, no entanto, não é uma sentença de morte para as anteriores, pois por mais que a praticidade seja atrativa, um livro de papel ainda possui as suas vantagens quanto à experiência e a possibilidade da coleção.

A abrangência das mídias digitais é um caminho sem volta, mas, assim como amantes de música de qualidade ainda compram discos em vinil, os leitores apaixonados não mostram sinais de abandonar o papel. Não é a diminuição da indústria editorial, mas um refinamento da sua produção, dando ao leitor a oportunidade de escolher o formato que melhor lhe satisfaz.

Mesmo que, diante do problema pandêmico a que o mundo foi exposto, a sociedade brasileira foi forçada a uma situação de quarentena, os estudos pelo Sindicato Nacional dos Editores de Livros (SNEL, 2021a) demonstram que a leitura não foi preterida, mas rapidamente abraçada como uma forma de entretenimento revisitada. Embora essa situação tenha danificado o mercado de lojas físicas, os livros digitais ocuparam seu devido espaço devida às suas características.

De todo jeito, as mídias digitais estão mudando o estilo de leitura, abrangendo mais do que livros, mas histórias em quadrinhos, *fanfictions*, histórias continuadas

em literatura de jogos eletrônicos, entre outros (LOGAN, 2012). No entanto, suas inúmeras possibilidades não privam os livros impressos de seu espaço, pelo contrário, viabilizam a exploração de um mercado em que o objetivo seja a aquisição de livros que possam enfeitar as suas estantes.

A oportunidade de conhecimento de histórias disseminadas e facilitadas pelas mídias digitais possibilita o leitor de colecionar apenas aqueles livros dos quais se interessa, não sendo forçado a guardar ou descartar um exemplar que não tenha sido do seu agrado. Assim, o leitor é livre para montar a sua coleção e dar o seu determinado valor aos objetos, e se com isto ele vá usufruir da fácil comunicação e troca de ideias que a internet tem a oferecer para poder compartilhar as suas experiências e descobrir novos livros, então que assim seja. Sites como a Estante Virtual, e mesmo sites mais abrangentes como a *Shopee* e o Mercado Livre, costumam oferecer uma gama de livros, revistas seriais, diversos quadrinhos usados e que não são mais publicados, oferecendo a autonomia do descobrimento ao leitor, um ambiente diferenciado e mais organizado que é o digital.

Apesar de que não tenha sido abordado profundamente o colecionismo quanto às suas características de comportamento e arquivamento, visto não ser o tema do artigo, várias coleções de bibliófilos já foram doadas para bibliotecas, dando-lhes importância e demonstrando seu cuidado para com as obras (CAVEDON, 2007). Seus trabalhos não devem ser desconsiderados, pois para manter a sua coleção imaculada, eles buscam sua manutenção, o que permite que exemplares antigos sobrevivam. É o trabalho de um colecionador juntamente com o trabalho de um restaurador.

Mesmo que diversos leitores não se encaixem nas características específicas do colecionismo, considerando que comprem os livros para o uso e não somente a posse, as edições completas e bem trabalhadas se enquadram para atender as duas finalidades, a experiência de leitura e o seu lugar decorando a estante.

Referências

- BAUDRILLARD, Jean. O sistema marginal: a coleção. In:----- *O sistema dos objetos*. São Paulo: Perspectiva, 1993. Disponível em: <<http://www.edufrn.ufrn.br/bitstream/123456789/130/160/0%20SISTEMA%20MARGINAL.%20O%20sistema%20dos%20objetos.%20BAUDRILLARD%2C%20Jean.%201993..pdf>>. Acesso em: 29 ago. 2021.
- BELK, Russel et al. Collectors and collecting. *Advances in Consumer Research*. Ed. Micheal J. Houston. *Association for Consumer Research*, v. 15, p. 548-553, 1988. Disponível em: <<https://www.acrwebsite.org/volumes/6863/volumes/v15/NA-15>>. Acesso em: 28 ago. 2021.
- CAVEDON, Neusa Rolita, et al. Consumo, colecionismo e identidade dos bibliófilos: uma etnografia em dois sebos de Porto Alegre. Porto Alegre: *Horizontes Antropológicos*, ano 13,

- n. 28, p. 345-371, jul./dez. 2007. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ha/a/wtkxwnwn-xjQvJc7v7SptvymQ/?lang=pt>>. Acesso em: 30 ago. 2021.
- DARKSIDE BOOKS. *Alice no país das maravilhas (classic edition) + brinde exclusivo*. [2019]. 2 figuras. Online. Disponível em: <<https://www.darksidebooks.com.br/alice-no-pais-das-maravilhas--classic-edition--drk-x/p>>. Acesso em: 30 ago. 2021.
- DARKSIDE BOOKS. *The kiss of deception – crônicas de amor e ódio vol. 1 + brinde exclusivo*. [2016]. 2 figuras. Online. Disponível em: <<https://www.darksidebooks.com.br/kiss-of-deception---cronicas-de-amor-e-odio-vol-1---drkx-01423/p>>. Acesso em: 30 ago. 2021.
- FALEMOS sobre as partes de um livro!. [S. l.: s. n.], 2016. 1 vídeo (15min). Publicado pelo canal Histórias sem fim. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hI_3yFki4tU>. Acesso em: 20 jul. 2021.
- INSTITUTO Pró-Livro. *Retratos da leitura no Brasil*. Rio de Janeiro, SNEL, 2020. Online. Disponível em: <https://snel.org.br/wp/wp-content/uploads/2020/11/5a_edicao_Retratos_da-Leitura_no_Brasil_IPL-compactado.pdf>. Acesso em: 28 ago. 2021.
- LOGAN, Robert K. “Que é um livro? Passado, presente e futuro: da tábua de argila ao SmartBook”. In: _____. *Que é informação? A propagação da informação na biosfera, na simbolosfera, na tecnosfera e na econosfera*. Trad. Adriana Braga. Rio de Janeiro, 2012, p. 215-237.
- MURGUIA, Eduardo Ismael. O colecionismo bibliográfico: uma abordagem do livro para além da informação. *Encontros Bibli*, Florianópolis, p. 87-104, 2009. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/147/14712771007.pdf>>. Acesso em: 29 ago. 2021.
- NETO, Leonardo. 2020 e o mercado dos livros. *PublishNews*, 2020. Online. Disponível em: <<https://www.publishnews.com.br/materias/2020/12/23/2020-e-o-mercado-dos-livros>>. Acesso em: 28 ago. 2021.
- OLIVEIRA, Lívio Lima de. A revolução da brochura: experiências de edição de livros acessíveis na Europa nos séculos XIX e XX. In: Encontro dos núcleos de pesquisa, 5., 2005, Rio de Janeiro. *Anais [...]*. Rio de Janeiro: UERJ, 2005. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/59823932083541730844018081906961105177.pdf>>. Acesso em: 26 ago. 2021.
- PEIXOTO, Sérgio. *400 imagens: mangá do começo ao fim*. São Paulo: Discovery Publicações, [s. d.].
- SNEL. Em ano marcado pela pandemia, subsetor de Obras Gerais registra aumento de 3,8% nas vendas ao mercado. Indústria editorial como um todo encolhe 8,8%: Pesquisa Produção e Vendas do Setor Editorial Brasileiro ano-base 2020 aponta ainda crescimento relevante na participação das livrarias virtuais. *SNEL*, 2021a. Online. Disponível em: <https://snel.org.br/wp/wp-content/uploads/2021/08/RELEASE_Pesquisa_Producao_e_Vendas_do_Setor_Editorial_Brasileiro_ano-base_2020-1.pdf>. Acesso em: 28 ago. 2021.
- SNEL. Faturamento das editoras brasileiras com Conteúdo Digital cresceu 36% em 2020, passando a representar 6% do setor: vendas de e-books, audiolivros e demais plataformas de distribuição contabilizaram R\$ 147 milhões no ano passado. *SNEL*, 2021b. Online. Disponível em: <https://snel.org.br/wp/wp-content/uploads/2021/07/RELEASE_-_Pesquisa_Conteudo_Digital_do_Setor_Editorial_Brasileiro_ano-base_2020.pdf>. Acesso em: 28 ago. 2021.

THE CAPITAL Advisor. *Valor nominal*. The Capital Advisor, 2019. Online. Disponível em: <<https://comoinvestir.thecap.com.br/valor-nominal/>>. Acesso em: 30 ago. 2021.